

O Instituto

Uma das muitas perguntas que gostaria de ter feito a meu querido pai era: como o senhor criou, convenceu, conseguiu edificar, dirigir, criar cursos, revista e formar um corpo de profissionais de alto nível no Instituto de Medicina Tropical?

Lembro-me apenas de algumas conversas que escutei. Meu pai tinha voltado da Alemanha e lá, havia visitado um IMT. Perplexo disse: como é que a Alemanha tem um IMT e nós aqui no Brasil, país tropical, não?

Passo seguinte foi pedir audiência com o então governador Jânio Quadros para a apresentação do projeto. Ao que sabemos, Jânio autorizou na hora. Papai sempre lamentou ter perdido esta carta, este documento. E sempre votou em Jânio Quadros em sinal de gratidão, mesmo após ficar decepcionado com sua renúncia.

Começaram as obras. Era nosso passeio nos finais de semana! Aqui vai ser a secretaria, aqui a sala do diretor, aqui o almoxarifado, a biblioteca, o laboratório de... e aqui será o Museu de Medicina Tropical!

Mas, o lugar que mais gostava de visitar era a sala do Sr. Waldomiro Siqueira Junior. Um santo homem, grande artista e grande amigo de papai, responsável por todas as montagens de fotografias e objetos a serem expostos. Homem de muitos talentos, poeta zen, desenhista, gravador, pintor, escultor, editor, etc... Em sua sala-atelier ele mesmo cortava e colava caixas de acrílico, um novo material na época.

Chegou a tal intimidade com este novo material que posteriormente inaugurou no hall do Instituto a primeira exposição de Acrílicogravura cujo catálogo tenho comigo e apresento a vocês. Era uma bagunça organizada. Vários trabalhos em andamento, referências, projetos, ferramentas, máquinas, etc. Queria para mim a sala do Sr Waldomiro. Nesta época eu já possuía uma pequena oficina e gostava de pegar pregos que encontrava pelo chão ou sobre as bancadas. Mas, uma das coisas que mais fascinavam meu pai era a pequena casa pré fabricada, novidade na época, onde moraria o Sr. Zeferino, mestre da obra e futuro zelador do Instituto.

Muito simpático e sorridente sempre nos recebia com alegria. Tinha sempre `a mão todas as chaves e nos acompanhava no passeio. Pronto o prédio chegou o grande dia de sua inauguração. O Instituto também apresentaria sua Rural Willys, estacionada próxima à porta de entrada. Nesta época o governador era o Sr Carvalho Pinto, homem muito digno, inauguraria Instituto. No mural de entrada o Sr. Waldomiro pintou peixes de nossas bacias hidrográficas. Lembro-me de vê-lo dando os retoques finais em uma de nossas visitas. Que pena que este painel se perdeu. Mas, localizei uma pintura semelhante e já pedi para fotografá-la. Tenho comigo alguns originais que Sr Waldomiro presenteou meu pai Dizia: veja Guto, desenho do Waldomiro. Agora, aqui, vocês poderão conhecer a parte da obra deste mestre.

Que pena que o museu foi desfeito. Onde estará seu acervo? Onde estará a casinha de pau a pique que levantava seu telhado para que observássemos seu interior mostrando o modo de vida do caipira e os focos do barbeiro, uma das muitas peças didáticas que encantavam as crianças nas visitas ao Instituto. Lembro-me que meu pai voltou de uma viagem `a Europa e minha mãe me pediu para transmitir-lhe a triste notícia: haviam aguardado sua partida para desfazer o museu pois muitos doutores queriam ter suas salas no local.

Pai, notícia triste: desfizeram o museu. Cabisbaixo, continuou a escrever e disse: eu já sabia. A sala da diretoria era decorada com o melhor do artesanato brasileiro trazido de suas viagens: jangadas em balsa, o sapato de látex do seringueiro, bonecos do Vitalino, o cilindro de guaraná e a língua do pirarucu que servia de lixa para extrair o pó do cilindro, o chimarrão, as carrancas, quantas imagens de um Brasil ainda ingênuo e que começava a se modernizar.

Uma coisa importante: a maquete do instituto, a representação de um sonho. É uma das únicas edificações que preservou sua maquete. Anos atrás fotografei-a. É uma lindo projeto de arquitetura, moderno, despojado, gabarito baixo e bem proporcionado. Um de meus prédios prediletos no complexo do HC. Para nós, o Instituto era o portal para o mundo e também reunia todos os serviços. Com frequência papai adorava receber para o almoço, alunos vindos dos mais diversos países: Venezuela, Colômbia, Alemanha, Estados Unidos,

Itália, etc. Lembro-me muito do venezuelano Edgard Belfort, homem alto e simpático que apaixonou-se pelo Brasil e que por aqui viveu longo tempo. Tornou-se nosso amigo e estava sempre em casa.

Em retribuição, papai também era sempre convidado para conhecer os países de origem de seus alunos. Portanto, muito de nosso contato com o mundo se dava através dos alunos do Instituto. Cada um nos contava particularidades de sua cultura, nos mostrava slides, nos presenteava com discos e livros.

O curso de Medicina Tropical foi o precursor dos cursos de pós graduação no Brasil. Tudo podia ser consertado no Instituto: cadeiras, luminárias, porcelana, etc. Quebrava uma coisa e papai levava para o Instituto. Dias depois voltava novo. Assim como, papai chegava em casa com alguma coisa nunca vista como o calendário Maia em relevo, dizia: foi um aluno do Instituto que me presenteou. Ou, muitos presentes que recebia, dizia: vou levar para o Instituto. Livros então, quantos não o vi autografar: para biblioteca do Instituto de Medicina Tropical de Carlos da Silva Lacaz.

Para ver reparados rapidamente certos problemas no prédio, pagava do próprio bolso. Que saudade do Instituto, o lugar onde tudo parecia ser possível. Como ele movimentava nossas vidas. O Instituto, que lugar é esse que meu pai inventou?

Guto e seus irmãos Ana Helena, Beto e Nenê

Instituto Doenças Tropicais Museu da Pessoa

P11 - Doutor, o senhor criou o Instituto de Doenças Tropicais? Quando foi isso e por que é que foi criado o instituto?

R - O instituto nasceu da seguinte maneira: em 1958 eu fui à Europa assistir a inauguração do Instituto de Medicina Tropical de Lisboa. Portugal ainda mantinha relações com Gana, com Guiné, com países da África ocidental. Aí a Rockefeller me deu também uma bolsa de estudos para eu visitar os Institutos Europeus de Medicina Tropical. Eu fui à Alemanha, Hamburgo, eu fui à Basileia, eu fui a Edimburgo, eu fui a Liverpool, eu fui a Londres, e conheci os institutos europeus. Lá, por que existem Institutos Europeus de Medicina Tropical? Porque havia muitas doenças chamadas tropicais que vinham dos trópicos, como malária, lepra, mais comuns de doenças tropicais, e esses doentes, enfermeiros, homens de negócio, voltavam para os seus países de origem, e nos portos é que geralmente apareciam essas doenças. Então geralmente eram em grandes portos como em Londres, em Hamburgo, que eu fiz conferência em Hamburgo, fundaram-se Institutos de Medicina Tropical para atender às populações de doentes que vinham de regiões tropicais. Enfermeiros, médicos, homens de negócios, viajantes que vinham dessas zonas. Muito bem. E Lisboa mantinha contato com a Guiné, mantinha contato principalmente com a Angola. Então esses doentes tinham tratados... No tempo do Salazar ainda, um instituto muito bonito. Aí eu vim pra São Paulo, e eu era professor de microbiologia, e eu falei com o Jânio da Silva Quadros, que eu era amigo pessoal dele: "Doutor Jânio, vamos criar um Instituto de Medicina Tropical, porque eu vim da Europa agora, e o Brasil é um país de marcante tropicalidade, e o Trópico de Capricórnio, o senhor sabe melhor do que eu, o senhor é professor de Geografia, passa aqui por São Paulo." Até que existe um marco comemorativo da passagem do Trópico de Capricórnio aí no Horto Florestal. Existe um marco, 23 graus, 27 minutos, latitude sul. E o país, uma realidade geográfica indiscutível, vive em região tropical. E a essa região de nomenclatura se sobrepõe sempre uma ponte de mal contido nacionalismo. O sujeito fala: "Trópico, trópico é formidável, ." O homem venceu o trópico, mas que é um meio hostil é, indiscutivelmente. Vai lá pro Amazonas e vê bem se é hostilidade do meio. Mas o homem vence a hostilidade. Ele plantou uma grande civilização aqui em região tropical, que é São Paulo, criou uma civilização nova. Mas o trópico é fogo, o calor é mais excessivo, as médias térmicas são mais elevadas, o índice pluviométrico é irregular, a umidade do ar é mais elevada, então criam-se condições para o desenvolvimento de uma fauna tremenda e de uma flora muito rica, e de vetores de doenças: mosquitos, flebótomo, aedes egypti, e carrapato, pulga, piolho, percevejo, tratomino, diabo a quatro, em regiões tropicais. Então eu falei pra ele: "Olha aqui, o Chagas, em 1909, doutor Jânio, criou, fundou em Laissance, em 1909, ele descobriu uma doença nova que hoje tem o seu nome. Ele ficou dois anos lá em Laissance. Lá ele descobriu a doença que tem o seu nome, verificou que essa doença era transmitida por um tripanossoma, tripanossoma cruzi, em homenagem ao Oswaldo Cruz, e verificou que o barbeiro era o transmissor da doença. E a gente precisa criar um instituto aqui pra nacionalizar o

estudo das doenças." Ele logo sentiu a importância do assunto: "Vamos criar." E no dia 15 de janeiro de 1959, através de um decreto, 34.510, ele criou o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo pra estudar as doenças tropicais. O nome pode ser impróprio, mas existe uma patologia que é mais comum nos trópicos. Tropicais, se a gente vive nos trópicos, toda doença seria tropical, é lógico. Mas à essa questão de nomenclatura tem sempre um pouco de saudosismo. Quer dizer, não existe doença tropical, existe uma patologia tropical, existe. Uma patologia vinculada com razões sociais, econômicas, com a pobreza, com a miséria, mas existe também vinculado... Porque ela facilita, a fauna muito mais luxuriante aqui, os transmissores, os vetores encontram condições propícias, porque você imaginar que no intestino de flebótomo se desenvolve uma leishmania, viu? Ou num tubo intestinal de um aedes egypti o agente da malária, né? Então o meio ambiente cria condições propícias para o desenvolvimento da doença, logo ele criou o instituto. E o instituto vai desenvolvendo vários trabalhos de pesquisa muito interessantes, viu? No campo da leishmaniose, no campo da malária, no campo da doença de Chagas, tem muitos trabalhos originais. E o instituto tem hoje uma tradição, tem uma ^{¥111¥} revista própria dele. É uma revista que veicula trabalhos quase todos em inglês, porque a língua brasileira é o túmulo do pensamento. Ninguém lê a língua portuguesa. Lamentavelmente é o túmulo do pensamento. Então a gente publica trabalhos em inglês com resumos em português. Também precisa valorizar a língua portuguesa. E com isso o instituto é um órgão vitorioso, viu? Hoje é um instituto vitorioso, junto com o Instituto Bacteriológico de Manguinhos, o Instituto Butantã, são grandes institutos de pesquisa. Se bem que no começo os institutos foram criados pra fazer soro anti-pestoso. O Butantã se tornou um grande centro de ofiologia porque o Vital Brasil gostava muito de veneno de cobra, de cobra de modo geral. Publicou um livro em francês sobre ofidismo e ele se tornou um grande conhecedor de cobra. Mas inicialmente era pra fabricar soro anti-pestoso, e não se usa mais soro anti-pestoso. Acabou, a peste acabou também. Agora, você dizia, essas doenças todas não tendem a desaparecer? Elas tendem. A peste não existe mais aqui no Brasil, existiam alguns focos de peste no nordeste. Mas é interessantes que agora apareceu uma patologia de germens emergentes, é uma patologia emergente, que está emergindo. E principalmente depois dos transplantes, depois da AIDS, apareceram as infecções chamadas emergentes, estão emergindo, novas doenças estão aparecendo. A patologia é interessante. Os micróbios, os resistentes ficam resistentes aos outros, mas aparecem mutantes de germens que provocam doenças novas, como a geomatose bacilar; então as doenças estão emergindo, doenças novas. Nefrite intersticial, doença de ébola, doença do vírus da ébola ou ebola... São doenças emergentes e reemergentes. É uma patologia nova. Eu estou escrevendo um livro agora sobre... o título é este: Infecções oportunistas e neoplasias oportunistas em indivíduos imune deprimidos. O indivíduo imune deprimido, o transplantado renal ou um aidético, ele tem não só infecções como tem tumores oportunos, como é o tumor de Kapose. Já ouviu falar em tumor de Kapose ou Kápose? É um tumor grave que dá muito em transplantado e em aidético. E a história do tumor de Kapose - pra terminar essa primeira fase - é uma história interessante, que o Kapose, ou Kápose, que é o nome certo, era um médico húngaro, na Hungria. O nome dele era Morris Kohn, ele não era Kápose. Na Hungria, uma país muito pobre naquela época, mil novecentos e pouco, ele queria estudar medicina e foi pra Viena. E em Viena ele foi para a dermatologia, e lá

existia um dermatologista chamado Ferdinand Von Nebra, que era católico. E ele era judeu ortodoxo. Mas ele se enamorou da filha do Ferdinand Von Nebra, que era Marta, e quis se casar com a Marta. Aí o Von Nebra disse: "Você casa com a Marta se você se tornar católico." Ele tornou-se católico e cometeu o crime da apostasia, tornou-se um apóstata e deu o nome dele a Kápose, em homenagem ao rio Kapós, que passava pela cidade dele, Kaposwar. Então de Kohn ele passou para Kapós ou Kápose. Casou-se com a Marta, ficou professor em Viena e substituiu o sogro depois. Sabia? Essa é a história do Kápose.